

O SIMBOLISMO DA HOSPITALIDADE

Henri Caffarel

*Excertos de L'Anneau d'Or – O matrimônio, esse grande Sacramento.
Número especial 111-112 – Maio-Agosto 1963 (páginas 273 a 287)*

A família que abre as suas portas ao viajante, ao peregrino, ao homem perseguido, e lhe oferece pão, repouso, afeto, é a imagem da Igreja, a grande família de Deus, cuja porta está aberta a todos, em que todo o homem é sempre esperado, certo de encontrar o remédio para a sua solidão e a sua angústia, onde o vagabundo se sente finalmente reabilitado. (Que pena que o ritual de hoje já não inclua os ritos que outrora complementavam a cerimônia do batismo! Eram ritos de hospitalidade: lavavam-se os pés ao recém-batizado, ungiam-se-lhe a cabeça com óleo, ofereciam-se-lhe leite e mel).

Esta Igreja terrestre e terrena que a hospitalidade evoca é um povo em caminho no deserto, um povo que habita em tendas. Todos somos nômades, as nossas casas não são senão pontos de paragem ao longo da estrada. Quanto mais se avança mais se avivam a expectativa e a esperança da Morada Eterna.

O céu, mais do que um lugar, é três Pessoas divinas, unidas no amor, que nos recebem, não a seu lado mas no próprio coração da sua intimidade.

A hospitalidade da família que partilha com o vagabundo e o estrangeiro não só o seu pão mas o seu amor e a sua felicidade é a imagem do Deus trinitário.

Espero ter-vos levado a medir a grandeza daquilo a que chamava ao princípio «o ministério da hospitalidade». E que vós e os casais com quem estais em contato tenham a preocupação de praticá-la com cada vez mais liberalidade.

Deixo-vos o exemplo daquele casal que deveria ser o patrono da hospitalidade cristã: Áquila e Priscila. Esses tecelões judeus que se tinham instalado em Corinto receberam um dia a visita de um dos seus compatriotas que procurava trabalho: era Paulo. Quando Paulo se dirigiu a Éfeso e mais tarde a Roma, eles acompanharam-no. E foi sempre para o mesmo serviço: ter casa aberta em que os novos convertidos se sentiam em casa, onde se celebrava a Eucaristia. Gosto de pensar que a profunda intuição que Paulo teve a respeito das grandezas do matrimônio foi lentamente amadurecendo durante os anos que passou em casa desse casal, seus amigos e colaboradores. Não é no espelho do seu amor mútuo que ele viu refletirem-se as núpcias de Cristo e da Igreja?

Hoje, como há vinte séculos, os padres não podem dispensar a colaboração dos casais: o padre é Cristo que vai ao encontro dos homens para lhes transmitir a mensagem do Senhor; o casal é a Igreja que acolhe no seu seio, para os proteger, alimentar e alegrar, aqueles que a palavra missionária ganhou para Deus. (este trecho marcado está com estrutura truncada, sem sentido em relação ao que o antecede. Será que falta alguma coisa? Talvez fosse bom consultar o texto original – em francês).